
BERT, Jean-François. << *Les techniques du corps* >> de Marcel Mauss. *Dossier critique*. Paris: Publications de La Sorbonne, 2012. 168 p.

Carlos Emanuel Sautchuk
Universidade de Brasília – Brasil

O historiador e sociólogo Jean-François Bert escreveu e organizou recentemente diversas publicações em torno da gênese e do caráter multifacetado do pensamento maussiano e seus desdobramentos, a partir de pesquisa em arquivos (cf. Bert, 2012). Parte do projeto mais amplo, esse livro apresenta amostras das obras de dez autores influenciados pela ideia das técnicas do corpo, com textos publicados entre 1936 e 1984, todos antecedidos por breves preâmbulos do editor. Apesar de arrematar a sequência de artigos com um comentário bibliográfico (bastante sumário) acerca dos impactos contemporâneos dessa noção, seu objetivo está longe de ser apresentar um panorama dos estudos sobre o corpo. Também não se trata de uma exegese do escrito maussiano. Ao invés disso, ele toma um caminho que pode parecer de início menos atrativo: reunir textos acerca da recepção mais imediata da obra maussiana no espaço e no tempo, isto é, que expressam as influências diretas de sua palestra na França no período subsequente à publicação do texto, em 1936. Mas isso de modo algum limita o valor dessa coletânea ao mero registro historiográfico. Entender o contexto de produção e de recepção de *As técnicas do corpo* remete diretamente a uma nova compreensão do potencial heurístico das proposições maussianas. Como estabelece na introdução ao volume, para Bert ler as técnicas do corpo significa reler Mauss.

É justamente a proposta arqueológica desse livro, sua busca pelos vestígios do pensamento francês em torno do tema, a responsável por seu interesse contemporâneo. Em primeiro lugar, porque aponta para uma abordagem do escrito de Mauss que não coincide exatamente com aquela mais disseminada atualmente, que o toma como texto fundador da antropologia do corpo, muitas vezes posicionando-o numa conexão demasiado linear com Durkheim ou abusivamente próxima do culturalismo. Ainda que esse tipo de interpretação esteja presente também no hexágono (vide o texto de Vigarello), desenvolveu-se

ali uma apropriação desse escrito pela chave da técnica, elegendo-o como fundador de uma corrente da antropologia francesa menos difundida no exterior – que fica representada no livro através dos textos de seus maiores expoentes, Leroi-Gourhan e Haudricourt. Desse modo, Bert se junta a Nathan Schlanger (2006), que republicou recentemente *As técnicas do corpo* juntamente com diversos outros escritos sobre técnica e tecnologia, no esforço de reaccessar essa quadra menos frequentada do pensamento maussiano, sobretudo fora da Europa continental.

Mas restaurar uma compreensão desse texto clássico a partir dos interesses maussianos acerca da técnica não é tarefa banal, já que, como nota Bert, “nous ne parlons plus la langue de Mauss” (p. 7). Antes de tudo, os textos ali reunidos submetem o leitor a um vocabulário e um estilo algo longínquos, como é o interesse fortemente descritivo e classificatório de alguns autores, a exemplo de Geoffroy. Por outro lado, uma perspectiva talvez inesperada sobre o papel das vivências pessoais na formulação do problema envolvido nas técnicas do corpo é trazida por Condominas, a propósito do impulso de Mauss à pesquisa etnográfica na França. Outro aspecto que pode soar heterodoxo é o seu caráter francamente interdisciplinar, não apenas com relação aos psicólogos, que compuseram a plateia de sua palestra em 1934, conforme nos detalham os fac-símiles de documentos anexados ao volume (correspondência com Meyerson, além do manuscrito do texto corrigido por Mauss e de notas de curso de alunos). Também fica demonstrado o diálogo com a geografia, na proposta de uma tecnomorfologia, ressaltada pelo vínculo entre técnica e solo feita por Leroi-Gourhan. Cohen, por outro lado, trata a linguagem como técnica de relação; já Koechlin busca uma associação entre o gestual, a expressividade e o significado por meio de uma observação fina das ações. O interesse minucioso pelos movimentos, posturas e propriedades do corpo ressalta também em Pelosse e Garine. Essa ideia de compreender a técnica numa perspectiva dinâmica e eminentemente humana, através da ênfase nos gestos enquanto fato social, assume elaboração metodológica mais refinada e sistemática em Haudricourt. Por fim, o livro deixa claro que, para além da insipiração temática, a comunicação de Mauss é parte de uma proposição teórica sobre a técnica, como demonstra a apreciação conceitual de Gurvitch.

Ainda que na introdução o editor não avance muito na análise deste ponto, o conjunto dos textos em si mesmo leva o leitor a concordar com sua opinião, de que a dimensão antropológica fundamental das técnicas do corpo só

pode ser de fato acessada quando se tem uma noção do cenário em que ocorrerá a reflexão de Mauss. Assim, é possível aceitar que ele teve “l’intuition d’un modèle dynamique des pratiques et des gestes” (p. 29), que o diferencia de outras tendências dos estudos em cultura material.

Ao abordar a situação-limite da “técnica pura”, sem uso de instrumentos, Mauss abre a possibilidade de considerar a técnica como um conjunto de relações intrínsecas ao humano, algo que viria a ser amplamente explorado na obra de Leroi-Gourhan. Para Bert,

l’actualité de la communication de Mauss doit se comprendre aussi par sa manière de définir les techniques qui, antérieurement, chez les sociologues du moins, ne désignaient le seul usage d’instruments. En ouvrant la voie à l’établissement du fons gestuel dont chaque population est pourvue, Mauss va profondément renouveler les études technologiques, mettant un point final aux méfaits du diffusionisme qui avait conduit la technologie comparée dans une impasse. (p. 30).

Certamente o fantasma do difusionismo não assombra mais, porém a dicotomia entre técnica e sociedade (ou humanidade) ainda persiste como um dilema e um pressuposto que a antropologia tem buscado repensar. A releitura de Mauss e das influências de seu pensamento sobre a relação intrínseca entre técnica e corpo, que Bert nos propõe, pode reavivar o brilho de antigas e empoeiradas inspirações no âmbito de um debate absolutamente atual.

Referências

BERT, J.-F. *L’atelier de Marcel Mauss: un anthropologue paradoxal*. Paris: CNRS, 2012.

SCHLANGER, N. (Ed.). *Marcel Mauss. Techniques, technology, civilisation*. Introduction by Nathan Schlanger. New York: Durkheim Press; Oxford: Berghahn Books, 2006.